

Povos Indígenas no Brasil

Fonte DESP Class.: 703
 Data 11/07/84 Pg.: _____



Os índios só aceitam negociar com o presidente da Funai, que ainda está sendo esperado em Bauru

Foto Jair Acetuno

Índios não aceitam o diálogo com assessores

BAURU
 AGÊNCIA ESTADO

Os quatro assessores do presidente da Funai, enviados ontem a Bauru para dialogar com os 220 índios que ocupam a delegacia regional do órgão, encontraram resistência e acabaram sendo vítimas de incidentes, a ponto de o ex-delegado Alvaro Villas Boas — pivô da crise por ter sido demitido — telegrafar ao secretário-geral do Ministério do Interior, coronel Rocha Camargo, solicitando providências “no sentido de retirar imediatamente de Bauru os quatro elementos que o atual presidente da Funai enviou para esta cidade, em lugar de vir ele próprio. Tais elementos — prosseguiu —, além de amedrontar os índios aqui concentrados, estão ameaçando funcionários com prisão, demissão, etc.”.

Apesar de os representantes da Funai terem ido a Bauru dialogar, os índios se recusaram a abrir conversa com eles, alegando que estão querendo manter contato somente com o presidente do órgão. Mas, diante das insistências, eles acabaram cedendo e concordaram — com ponta de insatisfação — ouvir o que os assessores tinham a dizer.

Odenir de Oliveira, um dos assessores de Jurandy da Fonseca, falou em nome do grupo, cercado por quase todos os ocupantes da delegacia, mas entre as barracas montadas no local pela Polícia Militar. Ele fez a defesa de Jurandy da Fonseca e, sobre a falta de verbas, ressaltou o desejo de ajudar os índios e outros temas de mesma linha. Mas ouviu dos caciques que estavam ali somente para conversar com o presidente e discutir unicamente a permanência de Alvaro Villas Boas na delegacia. Tendo à frente Ademir Pedro, os caciques repetiram para os assessores — entre os quais o delegado da Polícia Federal Néelson Marabuto — que Jurandy da Fonseca “não cumpriu a palavra e homem tem de honrar as calças que veste”. Os índios se queixaram de terem deixado o que fazer para resolver um problema e o presidente do órgão não apareceu: “É preciso mais respeito com os índios” — lembraram.

Odenir de Oliveira, em vista da relutância dos índios de só quererem falar com Fonseca, pediu para fazer uma ligação telefônica para Brasília e ouviu de Ademir Pedro: “Existem muitos telefones por aí. Vai falar de qualquer lugar e depois nos comunica o que o presidente disse”.

Quando já se preparavam para deixar o local, Cornélio Vieira de Oliveira, outro assessor da Funai, tentou apertar a mão do cacique Mário Jacinto, mas teve de sair às pressas porque o índio — acompanhado de outros — queria pegá-lo: “Não vim aqui para apertar as mãos, dessa gente” — justificou o cacique.

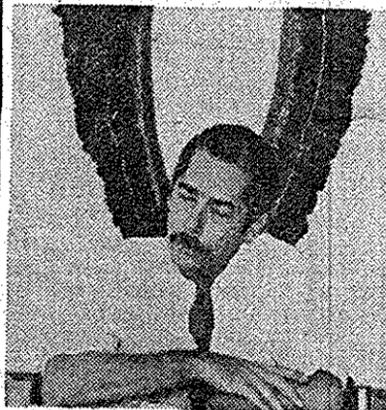
Mais tarde, os índios foram informados por Odenir de que Jurandy da Fonseca estava disposto a ir diretamente às aldeias e não à delegacia ocupada. Os índios reagiram e disseram que querem o presidente da Funai na delegacia, para tratar do assunto local: “Só depois disso é que poderá ir às aldeias, principalmente porque (agora) o pessoal de lá está muito nervoso, e pode ser perigoso”.

Hoje, sexto dia de ocupação, a delegacia continua na mesma situação do início da invasão. Os índios colocaram para fora todos os funcionários, chefes de postos e pessoas ligadas à repartição, onde controlam tudo, até o telefone. Só permanecem lá, sob suas ordens, o telegrafista, a encarregada de compras, uma enfermeira e a copeira.

Por sua vez, os 173 índios terena, que, ao lado dos guaranis, habitam o posto de Arariba, no Município de Avaí, não apóiam a volta do sertanista Alvaro Villas Boas ao cargo de delegado regional da Funai. Eles sempre combateram a política de Alvaro e de seus irmãos Cláudio e Orlando, tendo até, em fins dos anos 70, quando o ex-presidente do órgão, general Ismarth de Oliveira, visitou a reserva, promovido grande manifestação contra Villas Boas, sob o comando do seu arquiinimigo local, o índio Tibúrcio Manoel Sobrinho. Na época, Jurandy da Fonseca era chefe do gabinete e assistiu a toda a manifestação.

Os terenas de Arariba, segundo informações vindas do posto, também estão em estado de guerra, mas apoiando o presidente Jurandy da Fonseca e o chefe de gabinete e “irmão” Marcos Terena.

Apoena: a demissão do sertanista é “humilhante”



Jurandy Fonseca

Arquivo

Fonseca justifica-se

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Jurandy Fonseca, disse que não foi ainda a Bauru para dialogar com os índios que ocupam a delegacia do órgão naquela região, porque não possui informações completas sobre o movimento, o que espera obter hoje. Jurandy alega que a ocupação “não foi espontânea”, já que funcionários da delegacia teriam transportado os índios de suas aldeias para a cidade e “usado recursos da Fundação para a compra de colchões”.

Esses dados estão chegando a Brasília por intermédio dos sertanistas Odenir de Oliveira, Eustáquio Machado e Cornélio Veira e do chefe da Assessoria de Informações do órgão, Néelson Marabuto, ex-delegado da Polícia Federal em São Paulo. Jurandy não citou nomes de funcionários envolvidos, destacando acreditar que Alvaro Villas Boas “não participou pessoalmente do processo”. Ele anuncia, porém, que se forem confirmadas essas informações, novas demissões ocorrerão. “Temos de saber, entretanto, de onde partiram as ordens”, concluiu.

Em telegrama enviado ontem ao presidente da Funai, o sertanista e delegado do órgão em Porto Velho, Apoena Melrelles, considerou “intempestiva” e “humilhante” a demissão de Alvaro Villas Boas da delegacia de Bauru — uma “indignidade” com a qual disse não partilhar, “sejam quais forem os riscos”. Apoena manifestou ainda seu protesto a Jurandy Fonseca afirmando que a decisão é um “atentado” aos princípios de “respeito e gratidão” que Villas Boas deveria receber da Funai — por seus “elevados trabalhos” e por ser um dos “melhores indigenistas” do organismo.

Apoena questiona, no telegrama, alguns aspectos “controvertidos” da medida adotada por Fonseca: a promoção a funções-chaves na administração da Funai de assessores que “transgrediram normas disciplinares”, — “algumas gravíssimas” — e não foram punidos, agredindo, inclusive, a dignidade de diretores na época, promoções feitas pelo atual presidente da fundação, segundo Apoena, Jurandy Fonseca também tem atendido a reivindicações dos índios em outras regiões. Por isso, fez um apelo de “reconsideração” do ato de demissão — uma reclamação dos índios de Bauru.

Filho do sertanista Francisco Melrelles, Apoena afastou-se da Funai em 1982, durante sete meses, por discordar da atuação do órgão. Quando retornou a Porto Velho, em meados do ano passado, explicou que um dos motivos de sua volta foi o suicídio de um sertanista, com quem trabalhou em várias expedições. Declarou, ainda, na ocasião que, “apesar de todos os erros e desacertos, a Funai é um órgão importante e, portanto, deve ser prestigiado, para que volte ao campo e à aldeia”. Além disso, o sertanista defendeu, na época, que o índio tem “direitos e deveres” e precisava ser reconhecido e tratado por “quem tenha experiência e saiba lidar com ele”. Apoena responde pela 8ª Delegacia desde 1979, com jurisdição sobre Rondônia, Acre, Sudoeste do Amazonas e Noroeste de Mato Grosso.